FACULDADE malta

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

/maltafaculdade

DADOS INSTITUCIONAIS

CNPJ:	**17.145.404/0001-76**
Razão Social:	**CENTRO EDUCACIONAL MALTA LTDA**
Nome de Fantasia:	**FACULDADE MALTA**
Esfera Administrativa:	**PRIVADA**
Endereço:	**Av. Barão de Gurguéia, nº 3333b, Bairro Vermelha**
Cidade/UF/CEP:	**TERESINA-PI. CEP: 64018-500**
Telefone:	**(86) 3303-5002**
E-mail de contato:	**maltafaculdade@gmail.com**
Site da unidade:	**http://www.faculdademalta.edu.br/**

Sobre a Autor(a)

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Olá Turma!

Sou Professora Gildênia Monteiro, e vou descrever meu currículo para vocês me conhecerem um pouco melhor.

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Geografia (UFPI). Especialista em Gestão e Educação Ambiental pelo Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual do Piauí (NEAD - UESPI). Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Possui atuação como Professora Bolsista do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Experiência como Professora de Geografia no Ensino Médio e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) através da Secretaria Estadual de Educação do Piauí (SEDUC - PI) em escola do campo. Possui experiência como professora do Ensino Superior através da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), onde atuou ministrando aulas no curso Tecnólogo em Gestão Ambiental. Tem experiência na área de Geografia, Geografia Escolar, Meio Ambiente e Sustentabilidade, Gestão e Educação Ambiental, atuando e desenvolvendo pesquisas nas áreas de Educação, Ensino EAD (via aulas remotas), Formação de Professores, Prática Docente, Prática Pedagógica, Ensino de Geografia, Geografia Escolar, Tecnologias e Metodologias Ativas no Ensino de Geografia, Geografia Urbana, Educação Ambiental, Resíduos Sólidos, Impactos Ambientais, Gestão Socioambiental, Sustentabilidade Ambiental, Responsabilidade Socioambiental Empresarial, Gestão de Pessoas e Equipes, Gestão Estratégica Administrativa e Metodologia da Pesquisa Científica.

Até Mais! Bons Estudos a Todos!

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este material tem como foco a disciplina de Alfabetização e Letramento, que tem como finalidade apresentar as etapas do processo de alfabetização e atribuir significado ao processo de letramento, proporcionando assim, uma alfabetização letrada para as crianças que estão iniciando a educação infantil. O material encontra-se dividido em três unidades:

- **UNIDADE 1:** ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES TEÓRICAS.
- **UNIDADE 2:** PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA: A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA.
- **UNIDADE 3:** O LÚDICO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E SUAS ESPECIFICIDADES.

Nesses módulos você encontrará conceitos e poderá tirar muitas dúvidas acerca do processo de alfabetização. Ao final desta disciplina você será capaz de adquirir novos conhecimentos, dentre estes, espera-se que você consiga:

- Estabelecer diferenças entre alfabetização e letramento, reconhecendo a sua indissociabilidade;
- Relacionar os processos linguísticos que sustentam a aprendizagem alfabética à prática docente desenvolvendo estratégias de ensino;
- Entender os elementos da prática pedagógica a partir de situações de aprendizagem de leitura e escrita;

Sabemos que a alfabetização é um processo, e não se limita apenas a ler e escrever os signos do alfabeto, mas, sim, compreender como funciona a estrutura da língua e a forma como é utilizada. Dessa forma, entendemos a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo dinâmico, que se faz por duas vias de acesso, uma técnica (alfabetização) e outra que diz respeito ao uso social (letramento).

Acreditamos que é possível, e necessário, alfabetizar com uma diversidade de textos que circulam socialmente para garantir tanto o domínio da técnica (conhecer a orientação da escrita, grafar e reconhecer as letras, segurar no lápis, relacionar

som/grafia, usar o papel etc.) como saber usá-la e dominá-la com competência, para que a linguagem escrita cumpra sua função social.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo, de forma simultânea.

Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado, permeado por informações e dispositivos tecnológicos que requerem esse conhecimento prévio da língua escrita.

Aproveite bem este material e tenha bons estudos!

A Autora,
Gildênia Lima Monteiro

SUMÁRIO

1 UNIDADE I: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES TEÓRICAS..... 7

1.1 O Conceito de Alfabetização..... 8
1.2 O Conceito de Letramento 10
1.3 A Relação entre Alfabetização e Letramento 11
1.4 O Papel da Educação Infantil 14
1.5 Alfabetização e Letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.....16
1.6 Métodos de Alfabetização 16
1.7 Alfabetizar Letrando 22

2 UNIDADE II:PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA: A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA..... 26
2.1 Aquisição do Conhecimento 27
2.2 Níveis de Alfabetização Escrita 28

3 UNIDADE III: O LÚDICO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E SUAS ESPECIFICIDADES..... 36
3.1 Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil 37
3.2 O Ensino Fundamental no Contexto da Educação Básica 39
3.3 A Utilização do Lúdico como Ferramenta Pedagógica para Alfabetização e Letramento 40
3.4 Estratégias de Ensino para Promover a Leitura 42
3.5 Fatores Necessários para Facilitar as Ações da Alfabetização 47
3.6 A Ludicidade no Processo de Alfabetização 49
Referências..... 54

UNIDADE 1 – ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

OBJETIVOS

- Analisar os processos práticos e teóricos sobre alfabetização e letramento, visando seus conceitos, método e concepções.
- Identificar quais concepções e métodos favorecem o ensino aprendizado e para alfabetizar letrando.
- Diferenciar quais são as principais características de cada nível de escrita.

PARA REFLETIR

A aprendizagem da leitura e da escrita depende de duas portas de entrada, distintas, mas indissociáveis e que necessitam ser trabalhadas ao mesmo tempo: ALFABETIZAÇÃO e LETRAMENTO.

- Defina o que é alfabetização?
- O que significa letramento?
- Qual a relação entre alfabetização e letramento?

1.1 O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é a aquisição do código da escrita e da leitura, onde é possível se fazer através do domínio da técnica de grafar e reconhecer as letras, usar papel, entender a direcionalidade da escrita, pegar no lápis, codificar, estabelecer relações entre sons e letras, de fonemas e grafemas. É a criança perceber unidades menores que compõem o sistema de escrita, como palavras, sílabas, letras.

A alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, pois, ele não precisa saber apenas o que é a escrita, mas também de que forma a ela representa graficamente na linguagem.

Alfabetização – processo de aquisição da "tecnologia da escrita", isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Considerando a alfabetização como um processo de construção de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, o aluno precisa participar de situações desafiadoras, que oportunizem a reflexão sobre a língua escrita.

É por meio da interação com o objeto de conhecimento que as crianças vão construindo hipóteses de forma progressiva. São essas especificidades do processo de alfabetização que não podem ser esquecidas. Não basta apenas o convívio com o material escrito, é necessário ter uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalinguística, partindo de textos reais de vários gêneros que circulam socialmente.

> *"alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever", "alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar", e outras semelhantes.*
> ***Magda Soares.***

A alfabetização é vista como uma construção conceitual, contínua, desenvolvida simultaneamente dentro e fora da sala de aula, ou seja, em processo interativo, que acontece desde os primeiros contatos da criança com a escrita.

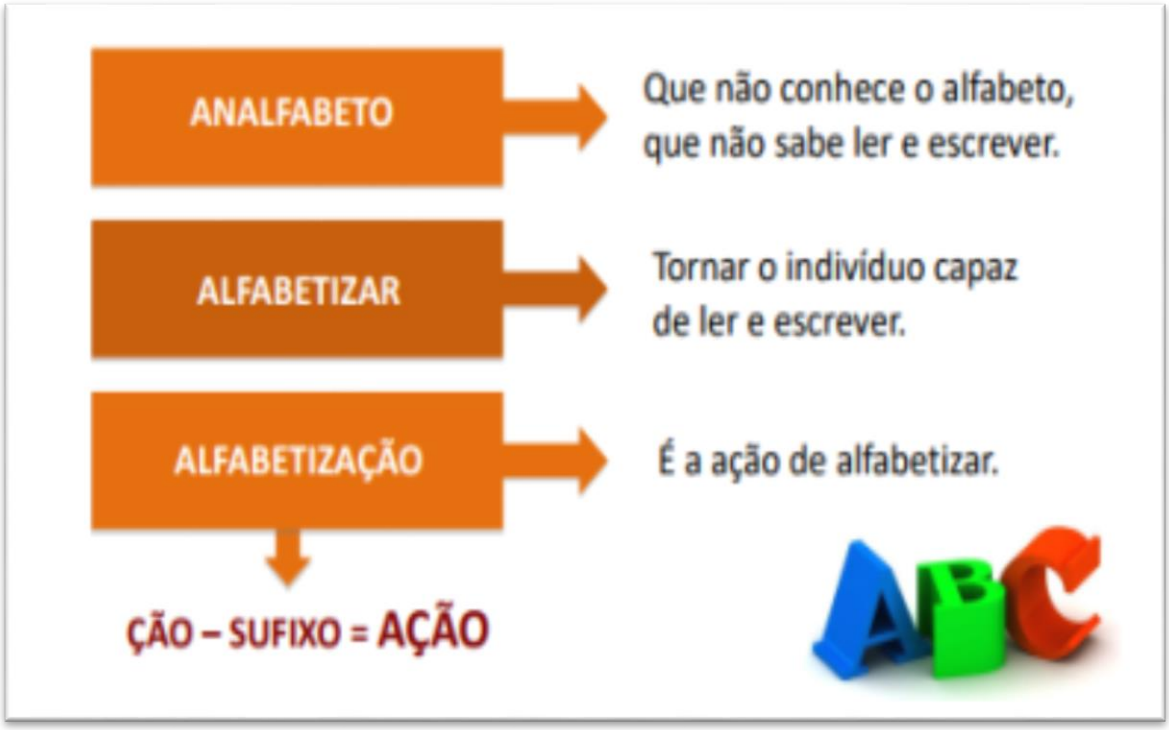
Antes de serem submetidas ao espaço escolar ou a um processo sistemático de alfabetização, as pessoas convivem com várias situações de leitura e escrita no

seu dia a dia, que contribuem para o aperfeiçoamento de seu processo de letramento. Com isso, a convivência diária com rótulos de embalagens, símbolos, propagandas, cartazes, nomes de ruas, placas, avisos, bilhetes, receitas, cartas fichas, jornais, revistas, livros entre outros, faz com que o sujeito se familiarize com o texto escrito e estabeleça uma série de relações, levantando hipóteses e procurando compreender o significado.

Ferreiro e Teberosky ao pesquisarem a psicogênese da língua escrita, revelam a maneira pela qual a criança e o adulto constroem seu sistema interpretativo para compreender esse objeto social complexo que é a escrita. Mesmo quando ainda não escrevem ou lêem da forma convencionalmente aceita como correta, já estão percorrendo um processo que os coloca mais próximos ou mais distantes da formalização da leitura e da escrita (LIRA, 2006, p. 44).

Portanto, a **alfabetização** é ação de alfabetizar, ou seja, a ação de tornar o sujeito capaz de ler e escrever, ou ainda, capaz de decifrar o código escrito. Existem múltiplas alfabetizações.

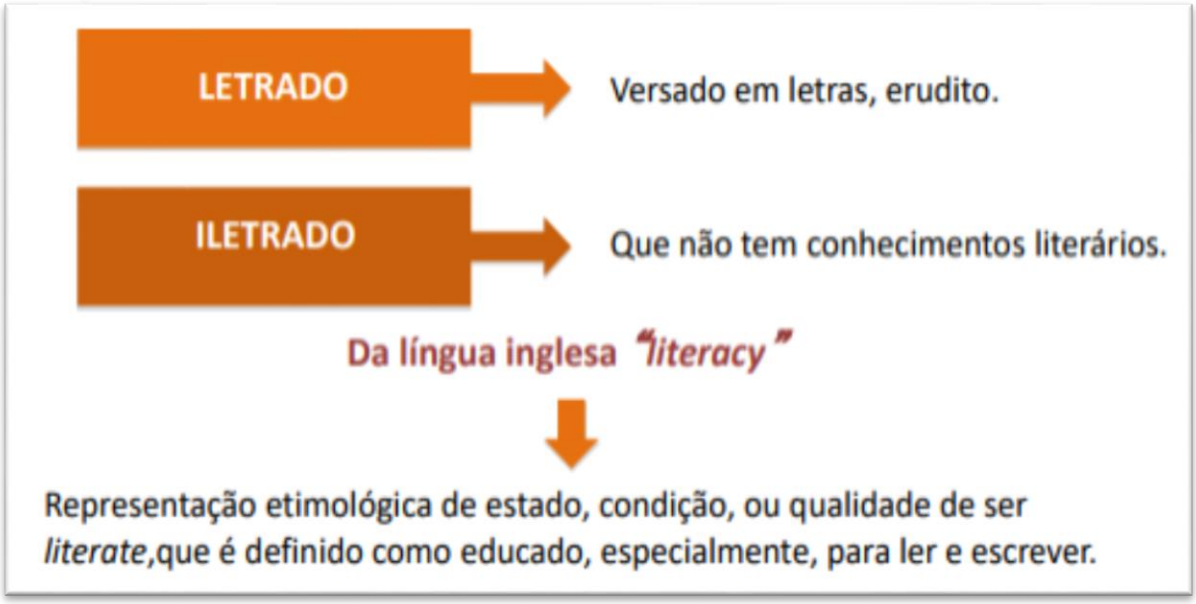
Observe na imagem abaixo:



Disponível em: https://www.grancursosonline.com.br/download-demonstrativo/download-esumo/codigo/r9VCFp%2F4zdE%3D

1.2 O CONCEITO DE LETRAMENTO

Letramento é a utilização desta tecnologia em práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, é o desenvolvimento do uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais em diferentes contextos.



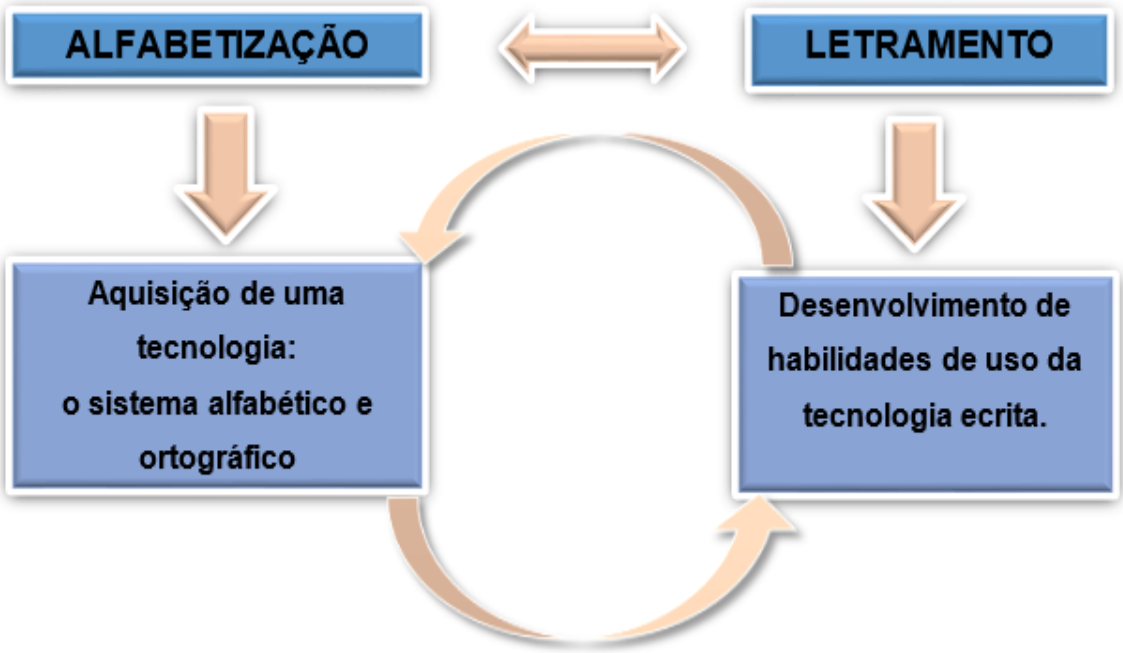
Disponível em: https://www.grancursosonline.com.br/download-demonstrativo/download-resumo/codigo/r9VCFp%2F4zdE%3D

O Letramento tem por objetivo os aspectos sócio-históricos na aquisição da escrita procurando estudar e descrever o que acontece na sociedade de forma mais generalizada, assim entende que o letramento busca compreender o individuo que é alfabetizado e o que não é, verificando o individual e centralizando o aspecto social. Portanto, letramento seria o resultado ou a conseqüência do processo de alfabetização.

De acordo com Magda Soares (2003),"Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno." Para tanto, cuidados serão necessários ao conduzir a alfabetização. De acordo com a autora apenas ensinar a ler e a escrever é insuficiente, alcançar níveis de alfabetização funcional onde as pessoas leem e escrevem e, no entanto, não são capazes de fazer uso desse conhecimento numa esfera social já deixou de ser processo de ensino aprendizagem afirmando no Diário da Escola em 23 de agosto de 2003 que: [...] para a adaptação adequada ao ato de

ler e escrever, “é preciso compreender, inserir se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. O letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita. Sendo assim, podemos constatar diferenças entre ensinar o código de escrita, sua codificação e decodificação, e nortear a prática docente em instrumentalizar o aluno para se utilizar desse código em situações onde a leitura e a escrita sejam utilizadas de forma real e objetiva.

Veja o resumo abaixo:



Fonte: Autoria própria, 2022

1.3 A RELAÇÃO ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Alfabetizar e letrar são práticas que precisam ser desenvolvidas juntas, como um processo contínuo que se constitui conforme a criança se desenvolve. O estímulo da oralidade desde cedo impulsiona esse processo. Isso porque a oralidade é uma produção cultural que se dá por meio da interação com as outras pessoas.

Quando as crianças chegam na educação infantil é importante que sejam estimuladas atras da oralidade ao processo de alfabetização e letramento. A medida que elas crescem, percebem que tudo ao seu redor tem significado e iniciam um

processo de leitura de mundo, pois começam a interpretar e conhecer o meio em que estão inseridas.

Muito antes de ser capaz de ler, a criança entende e interpreta as funções dos objetos. Dessa forma, podemos dizer que antes de entrar na alfabetização e letramento, a criança já vem com um amplo conhecimento de mundo, com curiosidades que devem ser estimuladas e aprimoradas pelos professores.

Ler o mundo leva a compreensão do espaço, das coisas, dos objetos e ajuda a fazer as tarefas do dia a dia. Leitura e escrita fazem parte da linguagem que pertencem ao cotidiano das crianças e dos adultos por isso, tão essencial para inserção social.

Alfabetizar é oferecer condições para desenvolver a leitura e a escrita, através da habilidade de codificar a língua oral em língua escrita e vice-versa. Letrar está relacionado com a prática da leitura e da escrita no contexto social. (NEUROSABER, 2020).

Veja o resumo abaixo:

	Alfabetização	Letramento
Conceito	Alfabetização é o processo de aprendizado da leitura e da escrita.	Letramento é o desenvolvimento do uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais.
Uso	Uso individual da leitura e escrita.	Uso social da leitura e escrita.
Individuo	Alfabetizado é o sujeito que sabe ler e escrever.	Uma pessoa letrada sabe usar a leitura e a escrita de acordo com as demandas sociais.
Atividades envolvidas	Codificar e decodificar a escrita e os números.	Organizar discursos, interpretação e compreensão de textos, reflexão.
Ensino	Deixa o indivíduo apto a desenvolver os mais diversos métodos de aprendizado da língua.	Habilita o sujeito a utilizar a escrita e a leitura nos mais diversos contextos.

Fonte: Pinheiro, 2018

Temos a alfabetização como o processo de ensino e aprendizagem de um sistema linguístico e da forma como usá-lo para se comunicar com a sociedade, onde é através dela que o sujeito será capaz de codificar e decodificar uma língua, aprendendo a ler e escrever, ajudando assim no seu desenvolvimento. Já o letramento é o estado que um indivíduo ou grupo social alcança depois de se familiarizar com a escrita e a leitura, possuindo uma maior experiência para desenvolver as práticas do seu uso nos mais diversos contextos sociais, onde um individuo letrado é capaz de se informar por meio de jornais, interagir, seguir receitas, criar discursos, interpretar textos, entre outros.

Ao considerar os termos alfabetização e letramento, é importante destacar a diferença entre ser **alfabetizado** e **ser letrado**. Para isso, Soares (2012), traz as aproximações e as diferenças entre esses dois conceitos:

> Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado (atribuindo a essa palavra o sentido que tem literate em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada - e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - que se torna letrada - é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever - é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita (SOARES, 2012, p. 36).

Segundo a autora, a pessoa letrada vale-se da leitura, da escrita e da fala para participar de forma mais eficiente das práticas sociais. As mudanças no uso da língua e no vocabulário são percebidas após o processo de aprender a ler e a escrever. Quando a pessoa torna-se letrada, ela torna-se cognitivamente diferente,ou seja, pensa de uma forma diferente, fazendo conexa a forma de uma pessoa analfabeta ou iletrada (SOARES, 2012).

> Tornar-se letrado traz, também, consequências linguísticas: alguns estudos têm mostrado que o letrado fala de forma diferente do iletrado e do analfabeto; por exemplo: pesquisas que caracterizaram a língua oral de estudos antes de serem alfabetizados e a compararam com a língua oral que usavam depois de alfabetizados concluíram que, após aprender a ler e

> a escrever, esses adultos passaram a falar de forma diferente, evidenciando que o convívio com a língua escrita teve como consequências mudanças no uso da língua oral, nas estruturas linguísticas e no vocabulário (SOARES, 2012, p. 37).

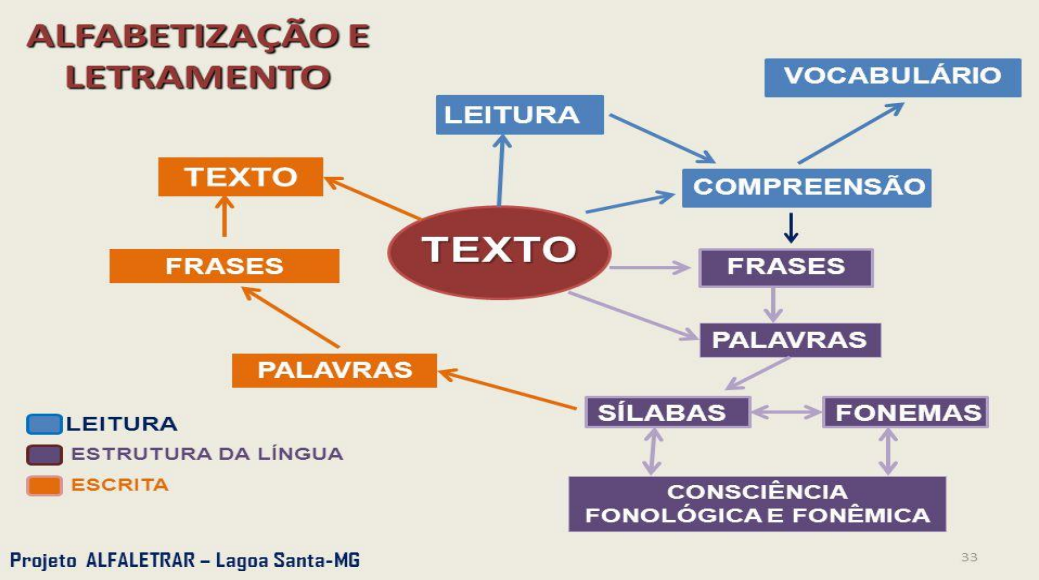
Conclui-se que, alfabetizar é o ato de ensinar o aluno a ler e escrever, tornando-o um indivíduo alfabetizado. Já letrado é o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas que também sabe fazer o uso desse saber nas suas práticas sociais.

1.4 O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O objetivo da educação infantil é proporcionar às crianças a compreensão do mundo e estimular o seu desenvolvimento. Através de vivências significativas por meio do fazer e do brincar, as crianças se desenvolvem e descobrem o mundo.

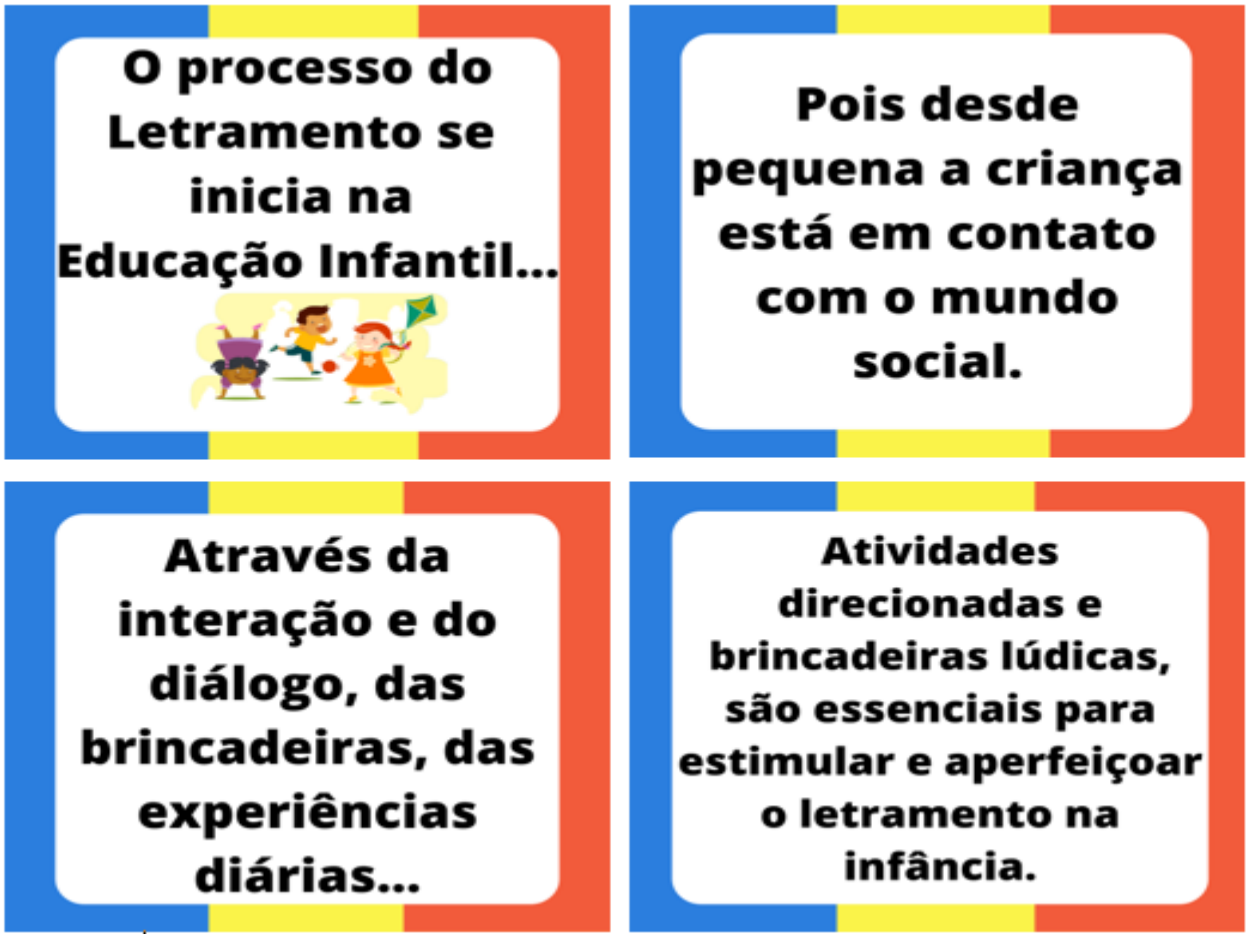
Na educação infantil não se ensina a ler e escrever formalmente, mas se oferece oportunidades que ajudam as crianças a ingressar no processo nos anos iniciais do ensino fundamental. Isso se dá pelo acesso à leitura e escrita de forma lúdica e desafiadora.

O contato com o letramento na educação infantil não é para alfabetizar, mas para inserir a criança em um contexto alfabetizador. Dessa forma, as crianças são instigadas ao mundo da leitura, mesmo que não saibam ler e escrever ainda.



Fonte: Google Imagens, 2022.

Observe a imagem abaixo:



Fonte: https://www.facebook.com/letrarealfabetizar/photos/pcb.115664940791300/115661154125012/

Muitas pessoas associam o processo de Letramento com o Ensino Fundamental, que é o período em que a criança aprende a ler e escrever. Porém o uso social da linguagem falada e escrita que é o sinônimo de letramento, inicia desde os primeiros anos de vida da criança, através da interação social, livros e contação de histórias, imagens, atividades que estimulem a cognição e muitos outros instrumentos que permitem o contato da criança com todas as formas de linguagem.

Por isso esta prática se torna muito importante!

1.5 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental é mais que ensinar a ler e escrever, mas a usar esses processos em seu dia a dia. Por isso, a sala de aula precisa ser um ambiente alfabetizador, com livros, jornais, histórias, materiais diversos que ajudam os alunos a desenvolver essas habilidades.

As crianças percebem que as representações estão por todos os lados e que precisam se apropriar e entender como se dá a comunicação. Nesse sentido, a alfabetização e o letramento são entendidos como processos, onde se espera que a criança aprenda a ler, escrever e interpretar.

A escola é lugar que alfabetiza as crianças, porém o processo de alfabetização se concretiza na sociedade. O educador precisa levar em conta a cultura e o tempo de cada um para compreender esses processos.

Propor atividades que envolvam as práticas sociais das crianças é alfabetizar letrando. Mais do que ensinar a ler e escrever, ensinar a usar essa prática no dia a dia.

As crianças aprendem a ler e escrever pelas experiências que proporcionamos a elas, e desenvolvem as habilidades inseridas na cultura e na interação social. Assim a escrita e leitura se desenvolvem para além da escola.

1.6 METODOS DE ALFABETIZAÇÃO

A hora de alfabetizar uma criança na escola está entre um dos momentos mais importantes da vida dos pequenos. É a partir da alfabetização que eles vão começar a compreender melhor as palavras, além de aprimorar a fala e também a escrita e leitura.

Existem vários métodos de alfabetização e com isso, é necessário conhecer cada um deles para entender qual contempla as melhores ferramentas para ensinar os alunos a ler e escrever.

Os pilares expostos na Política Nacional de Alfabetização (PNA), no Brasil, não explicita um método de alfabetização, porém se aproximem do **método fônico**.

Mas afinal, você sabe o que é o método fônico?

É o método que ensina as crianças a manipular os sons das palavras e combiná-los com letras para desenvolver a habilidade de decodificação, ou seja, a letra e o som, chamado de fonema, onde o foco principal é ajudar os leitores iniciantes a entender como as letras estão ligadas aos sons para formar correspondências entre letra e som, padrões de ortografias e ajudá-los a aprender como aplicar.No entanto, existem outros métodos de alfabetização, que iremos conhecê-los agora.

1.6.1 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Os métodos de alfabetização se agrupam em dois grupos: **sintéticos** e **analíticos**.

Os métodos sintéticos, partem da leitura dos elementos gráficos até a leitura da totalidade das palavras. São eles: **alfabético, fônico e silábico**.

Já os métodos analíticos partem da leitura da palavra, frase ou conto para o reconhecimentos dos elementos gráficos (sílaba e letra).

Métodos Sintéticos

A base dos métodos sintéticos é a compreensão de que a língua portuguesa é fonética e silábica. Dessa forma, para dominar a leitura e a escrita é preciso um método de alfabetização que considere essa característica.

O método sintético é a unidade de linguagem que ele utiliza como ponto de partida, o saber:

- ✓ **Alfabético** — Inicia-se com os nomes das letras do alfabeto para depois fazer as combinações silábicas e, então, montar as palavras. Depois, a criança lê sentenças curtas, até chegar a histórias completas. É também conhecido como soletração, pois ensina o aluno a soletrar as sílabas até reconhecer a palavra, por exemplo, “d”, “a”, “da”, “d”, “o”, “do”: dado. É assim que você provavelmente aprendeu a ler e a escrever.

- ✓ **Fônico** — O método parte do som das letras, os fonemas. A criança aprende associando que aquele som que as palavras fazem quando ela fala são representados graficamente pelas letras. São ensinadas as vogais, depois as consoantes e, então, sílabas e palavras.

A crítica em relação a esse método, especialmente no Brasil, é a dificuldade que surge em nosso idioma por causa de palavras com som igual e grafia diferente, como cheque e xeque, seção e sessão. Por outro lado, como não usa a repetição exaustiva, permite atividades mais criativas e próximas do universo da criança.

- ✓ **Silábico —** Aqui a criança aprende primeiro as famílias de sílabas para, depois, compreender as palavras. Assim como no alfabético, o aprendizado é feito de forma mecânica.

Os três **métodos sintéticos** partem da unidade linguística em direção à totalidade da palavra, ou seja, após reunir as letras ou os sons em sílabas é que se passa ao ensino da leitura de palavras, formadas por esses sons, letras e sílabas.

Métodos Analíticos

Nos métodos analíticos, o todo precede as partes, ou seja, o ensino da leitura começa com o sentido da totalidade da palavra para depois analisar as partes que a constituem.

É o método conhecido com o “método olhar-e-dizer”, pois defende que a leitura é um ato global e audiovisual. E assim, que usa esse método, começa a trabalhar a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-las em partes menores. Por exemplo, a criança parte da frase para extrair as palavras e, depois, dividi-las em unidades mais simples, as sílabas.

Este método pode ser divido em **palavra, sentença** ou **global.**

- ✓ Na **palavração —** Parte-se da palavra. Primeiro, existe o contato com os vocábulos em uma sequência que engloba todos os sons da língua e, depois da aquisição de certo número de palavras, inicia-se a formação das frases.

- ✓ Na **sentenciação —** A unidade inicial do aprendizado é a frase, que é depois dividida em palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas.

- ✓ No **global —** também conhecido como conto e estória, o método é composto por várias unidades de leitura que têm começo, meio e fim, sendo ligadas por frases com sentido para formar um enredo de interesse da criança. Os críticos deste método dizem que a criança não aprende a ler, apenas decora.

Método Fônico

Os pilares de alfabetização expostos na Política Nacional de Alfabetização (PNA) se aproximem do método fônico, que são:

- **consciência fonêmica:** conhecer e manipular os fonemas (sons) das letras;
- **instrução fonética sistemática:** aprender a relação entre letras e sons;
- **fluência na leitura oral:** saber ler com velocidade e de forma agradável;
- **desenvolvimento de vocabulário**;
- **compreensão de textos**.

A menor parte da palavra é um fonema. Embora pensemos nas letras como os blocos de construção da linguagem, os fonemas são as unidades básicas da linguagem falada.

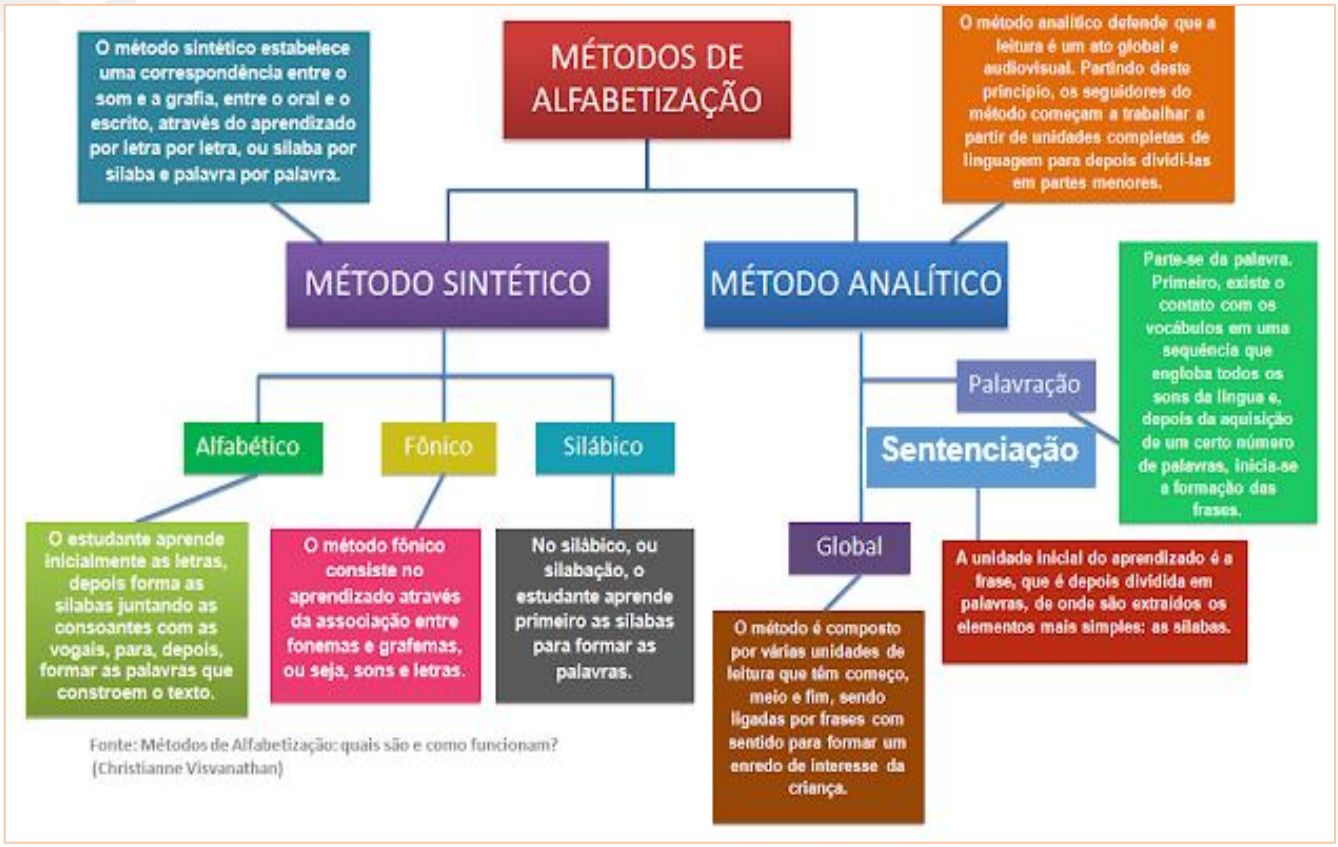
Os sons da nossa língua são traduzidos em letras e combinações de letras para representar as palavras. A leitura, portanto, depende da capacidade de decodificar palavras em uma sons. Codificar é o processo oposto e é como soletramos.

O Método Fônico tem como objetivo ajudar a criança a aprender a quebrar palavras em sons, traduzir sons em letras e combinar letras para formar novas palavras. Os fonemas e suas letras correspondentes podem ser ensinados com base em sua frequência em palavras.

O **Método Fônico** é um dos métodos mais usados na alfabetização, já que os processos cognitivos envolvidos na tradução entre letras e sons são automatizados e se tornam mais fluentes.

Os alunos nunca aprenderão a ler da mesma maneira, portanto, permanecer flexível em sua abordagem é fundamental. Pode ser útil combinar métodos e estratégias de ensino, principalmente para alunos com dificuldades de aprendizagem.

Diferença entre o método sintético e analítico



FONTE: : http://professoragabrielameireles.blogspot.com/2016/03/quais-e-diferenca-entre-metodo.html

Anotações...

1.7 ALFABETIZAR LETRANDO

Alfabetização e letramento são processos paralelos, são duas ações distintas, mas que caminham juntas, ou seja, são inseparáveis para a garantia da aprendizagem da leitura e da escrita do aluno. Com isso, o professor vai ensinar o Sistema de Escrita Alfabética permitindo que a criança vivencie práticas de leitura e escrita, agregando esses conhecimentos a situações reais e atividades cotidianas.

Separar alfabetização e letramento, pode tornar-se um equívoco, porque no mundo da escrita os dois processos ocorrem simultaneamente, por esses dois processos: Aquisição do sistema convencional de escrita e pelo desenvolvimento de habilidades de uso das atividades de leitura e escrita. (SOARES, 2004)

O professor deverá levar em consideração algumas questões importantes antes de tentar contemplar os conceitos de alfabetização e letramento em seu planejamento:

- **É possível que todas as crianças aprendam ao mesmo tempo?**
- **Como ensinar os alunos?**
- **Qual é o papel e qual é a importância do professor alfabetizador?**

Para começar, é importante refletir sobre o seu papel como educador, pois é importante realizar um trabalho voltado à inserção do aluno em um ambiente alfabetizador e letrado. Nesse ambiente, a criança deve ter a oportunidade de conhecer, vivenciar, refletir e experimentar novas práticas de leitura e escrita. Além disso, o professor deve criar um espaço acolhedor que contemple as diferenças, especificidades e características dos alunos.

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde se predomina uma concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e de escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro

lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. (KLEIMAM, 2007, p.02).

É importante que a escola e o professor façam a mediação entre as práticas de alfabetização (importantes para o desenvolvimento das competências dos alunos) e os objetivos sociais e práticas relevantes presentes nas situações do cotidiano, pois na fase de alfabetização, é desejável que a criança possa vivenciar a leitura, assim como a produção, a compreensão e a reflexão de textos orais e escritos, a fim de se apropriar do Sistema de Escrita Alfabética. A ideia é que as diferentes ideias e posicionamentos dos alunos possam fazer parte do trabalho como um todo.

Partindo dessa ideia, o trabalho com diferentes tipos de textos e gêneros textuais, serve como ponto de partida para enriquecer a aula, pois tais textos e gêneros textuais podem se aproximar da realidade da criança e valorizam suas experiências, instigam a imaginação, possibilitando um aprendizado mais significativo e propiciam vivências práticas que vão além da sala de aula e dos conteúdos escolares.

Confira abaixo alguns tipos de textos e gêneros textuais que podem ser trabalhados em sala de aula na perspectiva da alfabetização e letramento. E são importantes para aproximar as crianças das práticas sociais que eles vivenciam.

- Receitas;
- Manuais;
- Regras de jogos;
- Listas e instruções;
- Bilhetes e Cartas;
- Convites;
- Histórias em quadrinhos, tirinhas;
- Parlendas, cantigas de roda;
- Trava-língua, lendas;
- Músicas;
- Poesias, contos, fábulas;
- Rótulos e embalagens;
- Símbolos;
- Placas;
- Cardápios;
- Jornais e revistas;
- Sites e noticiários;
- Cartazes informativos.

Portanto, é importante que seja realizadas diversas atividades que os próprios alunos desenvolvem, além de livros infantis, jornais, revistas, folders, cartazes, textos e histórias diversificadas. E assim, Ferreiro (1993, p. 33) afirma:

> Em cada classe de alfabetização deve haver um "canto ou área de leitura" onde se encontrem não só livros bem editados e ilustrados, como qualquer tipo de material que contenha a escrita (jornais, revistas, dicionário, folhetos, embalagens e rótulos comerciais, receitas, embalagens de medicamentos etc.)Quanto mais variado esse material, mais adequado para realizar diversas atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças e diferenças e para que o professor, ao lê-los em voz alta, de informações sobre "o que se pode esperar de um texto" em função da categorização do objeto que veicula. Insisto: a variedade de materiais não é só recomendável (melhor dizendo, indispensável) no meio rural, mas em qualquer lugar onde se realize uma ação alfabetizadora.

O ambiente escolar pode oferecer ludicidade, brinquedos, jogos fazendo com que a aprendizagem se torne significativa. A criança depara-se com inúmeras grafias, letras, palavras e se a alfabetização for proporcionada de maneira lúdica os instigará a aprender de maneira que a leitura e escrita seja algo prazeroso para ela.

Em relação ao conhecimento de cada criança, todas as turmas, independentemente da localidade, irá existir uma grande diversidade e heterogeneidade em relação ao conhecimento de cada aluno. Algumas possuem conhecimento além do que se espera ou do que é trabalhado durante o ano.

Outras parecem não acompanhar o mesmo ritmo do restante da turma. E essa complexidade das interações em sala de aula é que pode tornar o trabalho do professor tão desafiador. O professor precisa ter em mente que os alunos são capazes de aprender, independentemente do ambiente em que estão inseridos.

> Porque alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo em que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (SOARES, 2003).

Assim, mesmo que as crianças iniciem o ano letivo com conhecimentos abaixo do que é esperado para os objetivos de trabalho, o professor pode contemplar as hipóteses e saberes que já possuem.

importante

O objetivo da alfabetização é ensinar a ler e escrever e o letramento diz respeito a aquisição da habilidade de fazer uso da leitura e da escrita nos espaços sociais.

Os processos de alfabetização e letramento são interdependentes e, quando bem articulados, levam a uma aprendizagem mais significativa.

Aprender a ler e escrever também requer compreender o mundo, o tempo, o espaço, a realidade em torno de si.

A alfabetização se inicia nos anos iniciais do ensino fundamental e o letramento pode estar presente desde a educação infantil.

Alfabetizar letrando significa propiciar às crianças um ambiente alfabetizador.

Nos primeiros anos do ensino fundamental é importante que se tenham um ambiente lúdico e materiais que instiguem as crianças a ler e escrever, dando a elas a possibilidade de perceber o uso da leitura e da escrita no contexto social.

O Letramento a e Alfabetização estão ligados e ambos fazem parte da nossa aprendizagem, de nossa história e de nossa existência. A Alfabetização não se limita somente em aprender o **bar=ba**, pois o Letramento a complementa, mostrando que é possível aprender constantemente.

Disponível em:https://www.facebook.com/letrarealfabetizar/photos/a.101925678831893/101925102165284

UNIDADE 2: PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA: A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

OBJETIVOS

- Analisar sobre a aquisição da leitura e da escrita.
- Identificar que a aquisição do conhecimento do sujeito, ocorre com a interação com o meio, vivências e experiências que convivem.
- Diferenciar quais são as principais características de cada nível de escrita.

PARA REFLETIR

Você se lembra do tempo em que foi alfabetizado? Você tinha experiência prévia com a escrita? Teve oportunidade de frequentar ou não a pré-escola? Lembrar-se de cartilhas ou pré-livros e outros materiais que circulavam em sala de aula, traz à tona um conjunto de informações sobre as didáticas utilizadas. É possível que quem foi alfabetizado há mais tempo guarde lembranças nítidas do período de alfabetização, porque havia uma definição sobre o momento certo do aprendizado, porque os métodos de alfabetização eram mais explícitos, porque a cartilha ou pré-livro eram os primeiros materiais impressos a que tiveram acesso. Se formos analisar cada situação de aprendizagem rememorada por vocês, leitores, vamos perceber coincidências de uso de um mesmo material, numa mesma região ou Estado, e também o uso simultâneo de métodos diferentes, numa mesma época ou numa

mesma escola. Encontraremos também práticas de alfabetização constantes, que se repetem para vocês, leitores professores de diferentes idades. (MEIRELES, 2016)

UMA VISÃO SOBRE A AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

2.1 AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO

Emília Ferreiro e Ana Teberosky, psicolinguistas argentinas, iniciaram em 1974 uma investigação, partindo da concepção de que a aquisição do conhecimento se baseia na atividade do sujeito em interação com o objeto de conhecimento e demonstraram que a criança, já antes de chegar à escola, tem ideias e faz hipóteses sobre o código escrito, descrevendo os estágios linguísticos que percorre até a aquisição da leitura e da escrita.

Ferreiro e Teberosky partiram do pressuposto da teoria piagetiana – de que todo conhecimento possui uma origem – e, pelo método clínico de Piaget, observaram 108 crianças e seu funcionamento do sistema de escrita. Elas queriam entender como as crianças se apropriam da cultura escrita, criando a obra intitulada de *Psicogênese da Língua Escrita*, introduzida no Brasil por volta dos anos 1980 (Picolli; Camini, 2013).

O fato de questionarem e considerarem o que as crianças sabem antes da alfabetização (da entrada na escola) modificou toda a forma de pensar da época, e ainda hoje tais ideias embasam muitos profissionais. Diversas práticas construtivistas foram lançadas no dia a dia da sala de aula por influência da Psicogênese da Língua Escrita (Picolli; Camini, 2013).

Nessa obra, as autoras criticam os métodos utilizados para alfabetização e afirmam que há uma “verdadeira escrita inibida pelos métodos tradicionais”, visto que estes utilizam a cópia como ferramenta fundamental. “A verdadeira escrita (...) seria a escrita espontânea: aquela que proporcionaria à criança pensar sobre as regras que constituem o sistema de escrita” (Picolli; Camini, 2013).

As autoras Ferreiro e Teberosky defendem que a maioria das crianças com seis anos de idade sabe distinguir textos de desenhos. Aquelas crianças que ainda “leem” desenhos e não letras são crianças que não têm contato com a escrita em seus

diversos materiais. Portanto, é preciso que se tenha um certo número de letras (2 a 4) para que se possa representar algo, pois uma letra sozinha não representa nada escrito.

As crianças costumam rejeitarem letras repetidas, pois de acordo com elas, só podem ser lidas palavras com letras diferentes. E com esse pensamento, no futuro, pode haver dificuldade para perceber que uma oração pode ser fragmentada em pedaços e que cada pedaço é uma palavra a ser lida.

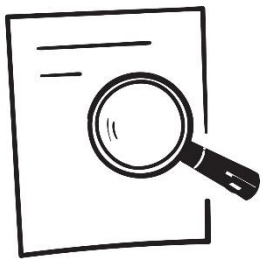
Emilia Ferreiro tornou-se referência para o ensino brasileiro e seu nome passou a ser ligado ao construtivismo, proposto por Jean Piaget, já que a pesquisadora nos ensina que as crianças têm um papel ativo na própria aprendizagem, inclusive na aquisição da leitura e da escrita (LOLLI, 2019).

Lolli (2019), afirma ainda que segundo Emília Ferreiro, a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, na escola ou fora dela. No processo de aprendizagem, toda criança passa por etapas com avanços e recuos, até dominar o código linguístico nativo. No entanto, o tempo para o aluno transpor cada uma das etapas é bem variado e depende de muitos fatores, dentre os quais, podemos citar: **a qualidade da estimulação** e **da linguagem**.

A teoria exposta em “Psicogênese da Língua Escrita”, segundo Emilia Ferreiro, revela que toda criança passa por quatro fases até sua alfabetização: pré-silábica, sílabica, silábico-alfabético e alfabética.

2.2 NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO ESCRITA

Confira agora quais esses níveis e como a criança se desenvolve neles.



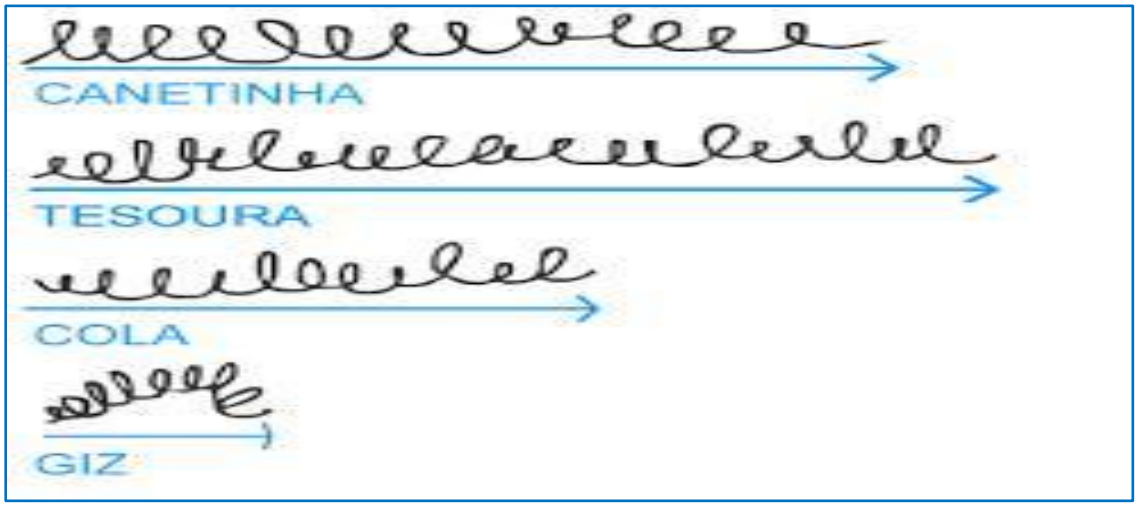
NÍVEL PRÉ-SILÁBICO – DESENHOS E RABISCOS DE LETRAS

O nível pré-silábico pode ser dividido em duas etapas. Na primeira etapa a criança pode representar a escrita através de desenhos ou rabiscos, o que é chamado

de garatuja, até o momento em que ela descobre a função social das letras e começa a associa-las a escrita.

Nível 1: A criança tem traços típicos, como linhas e formas semelhantes a emes em letra cursiva. Apenas quem escreveu sabe o que significa. Ainda não se pode distinguir desenho e escrita em seus registros, recorrendo à utilização de desenhos. A escrita deve possuir variedade de caracteres. A quantia de grafias para cada palavra deve ser constante (Picolli; Camini, 2013).

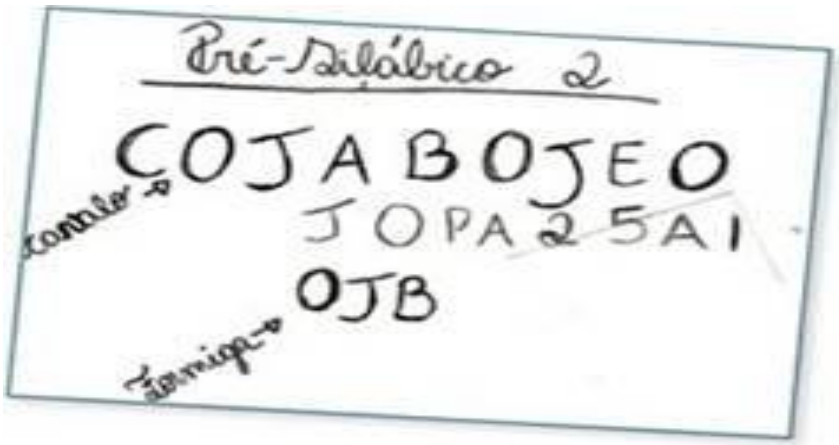
A escrita dos nomes é proporcional à idade ou tamanho da pessoa, do animal ou do objeto a que se refere. Por exemplo, a criança escreve boi de forma gigante e formiga de forma mínima.



FONTE: Disponível em : https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/11/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-gnese-da-lngua-escrita Acesso em julho de 2022.

No nível pré–silábico as crianças utilizam as letras aleatoriamente, sem ter nenhuma relação da grafia com o fonema. Uma relação que pode ser observada é que elas acabam associando a quantidade de letras ao tamanho do animal ou objeto que ela quer escrever. Nesse nível também é comum que as crianças utilizem predominantemente as letras que fazem parte do seu nome, uma vez que eles a utilizam com grande frequência e fazem parte de seu cotidiano (Marques, 2021).

Nível 2: Para ler coisas diferentes deve haver diferença na escrita. Fixa-se a quantidade mínima de caracteres para escrever – os caracteres aparecem organizados linearmente nesse nível. A forma dos caracteres está mais próxima das formas das letras e podem aparecer junto com números (Picolli; Camini, 2013).



FONTE: Disponível em : https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/11/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-gnese-da-lngua-escrita Acesso em julho de 2022.

A criança passa a adquirir formas fixas de escrita, utilizando letras do seu próprio nome ou letras conhecidas (**aron, lido como sapo; aorn, lido como pato; raon, lido como casa**) como fonte principal para seu registro.

As letras, para as crianças, ainda não possui um valor sonoro por si só. Assim, a leitura permanece realizada de modo global. Predomina a escrita em letra de imprensa (também denominada letra bastão ou letra de forma) maiúscula.

Fique por DENTRO

Para que a criança do nível pré-silábico avance é necessário utilizar algumas estratégias e atividades que ajudem no seu desenvolvimento e permita o avanço do seu nível de escrita, como: Reconhecer a letra inicial das palavras através do som; Trabalho com letras móveis, como a escrita do próprio nome; Recorte das letras para completar palavras e listas e etc.

NÍVEL SILÁBICO - CORRESPONDÊNCIA E ORGANIZAÇÃO

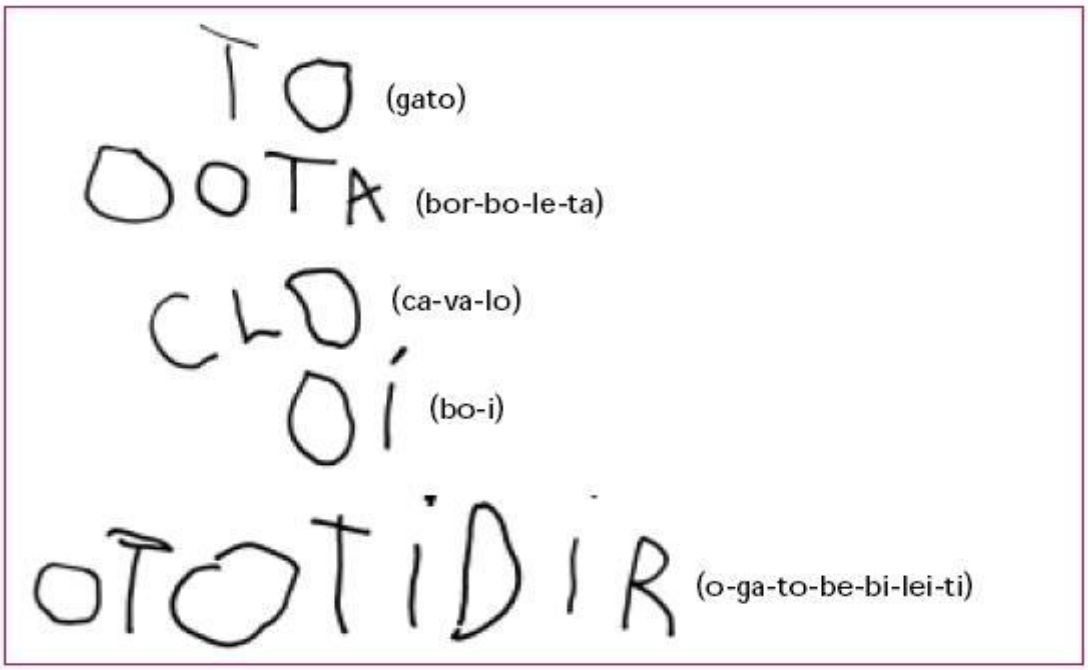
O nível de escrita silábico também pode ser dividido em duas etapas. A primeira etapa é o **estágio silábico sem valor sonoro** e a segunda etapa é o **estágio silábico com valor sonoro.**

A criança no nível silábico é capaz de compreender que a escrita das palavras tem relação com as emissões sonoras que produz.

As sílabas, que são os “pedacinhos” que formam a palavra, são representadas por letras e por essa razão ela utiliza uma letra para representar cada sílaba e a partir dessas letras identificamos em qual dos dois estágios do nível silábico a criança se encontra, pois, se ao escrever ela utiliza letras que não tem correspondência com a palavra a ser escrita, ela está no nível silábico sem valor sonoro, como por exemplo se ao escrever CAVALO ela utilizar as letras ERT.

Já no estágio silábico com valor sonoro a criança utiliza letras que possuem correspondência com a palavra a ser escrita, como por exemplo ao escrever **CAVALO** ela utiliza as letras **CAO.**

Observe a imagem abaixo:



FONTE: Disponível em : https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/11/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-gnese-da-lngua-escrita Acesso em julho de 2022.

É possível perceber que aparece a hipótese silábica, onde a criança atribui um valor sonoro a cada sílaba das palavras que registra. As crianças relacionam a escrita à fala.

Inicia-se então, um conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras exigidas para que a palavra possa ser lida. A criança utiliza duas formas gráficas

para escrever palavras com duas sílabas, o que vai de encontro à ideia inicial de precisar no mínimo de três caracteres.

Fique por DENTRO

Algumas atividades que ajudam as crianças a avançarem são as de completar palavras com letras faltosas, analisar a escrita de palavras observando sílaba inicial, sílaba final e número de letras que formam as palavras, pseudoleitura de parlendas que a criança sabe de cor.

NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO: RELACIONANDO AS SÍLABAS E LETRAS

Ocorre a transição do nível silábico para o alfabético, nele a criança escreve as palavras utilizando em algumas sílabas apenas uma letra para representá-la e em outras a sílaba inteira, como por exemplo na palavra CAVALO, ela pode escrever CAVLO (Marques, 2021). Observe o exemplo na imagem abaixo:

FONTE: Disponível em : https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/11/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-gnese-da-lngua-escrita Acesso em julho de 2022.

A criança se aproxima de uma análise de fonema a fonema e começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras.

Nesse estágio a criança está muito próxima da escrita alfabética e com algumas intervenções e atividades significativas como cruzadinhas, caça-palavras, complete com letras faltosas ela poderá avançar e chegar no nível alfabético.

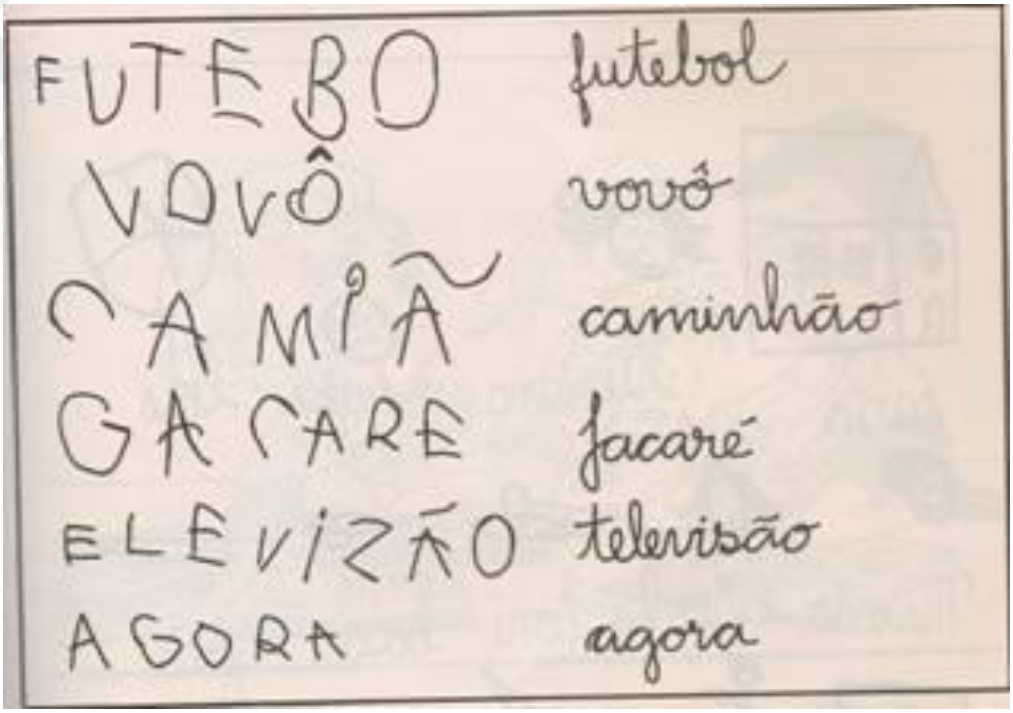
NÍVEL ALFABÉTICO – REPRODUÇÃO DOS FONEMAS

O último nível desta evolução é quando a criança consegue perceber o valor das letras e sílabas. É o chamado nível alfabético, no qual passa-se a reproduzir adequadamente todos os fonemas de uma palavra e percebe-se o modo de construção do código da escrita.

No nível alfabético a criança se apropria do sistema de escrita e já consegue relacionar as emissões sonoras com as letras para representa-las através da escrita.

A partir daqui a criança compreende que a sílaba pode ter uma, duas ou três letras, mas ainda mostra dificuldade na separação das palavras ao para redigir um texto. Ela entende também que a escrita possui uma função social, mas ainda não se mostra nem léxica nem ortográfica.

Na imagem abaixo, observa-se que a criança desenvolve uma análise fonética, produzindo escritas com hipóteses alfabéticas. Daqui para a frente, as crianças enfrentariam outros desafios, como, por exemplo, a ortografia (Picolli; Camini, 2013).



FONTE: Disponível em : https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/11/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-gnese-da-lngua-escrita Acesso em julho de 2022.

Fique por DENTRO

Para alcançar o pleno desenvolvimento educacional das crianças, é fundamental e importante que elas passem por cada um dos níveis de escrita.

Para detectar o nível de conceitualização da criança, Ferreiro e Teberosky sugerem um ditado individual de quatro palavras e uma frase.

O professor deve utilizar uma palavra polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba, respectivamente nesta ordem. A frase deve ser do mesmo campo semântico, ou seja, pertencer ao grupo das palavras que foram escolhidas.

O professor deve evitar ditar o monossílabo em primeiro lugar, porque sua representação é difícil para a criança. Em sua concepção o monossílabo deveria se escrever com uma única letra, mas quando se coloca uma letra só, o escrito “não pode ser lido”, ou seja, não é interpretável (hipótese silábica).

Na sequência, o professor precisa pedir que a criança “leia” o que escreveu a fim de entender como ela “lê”.

Em cada nível, a criança elabora suposições a respeito dos processos de construção da leitura e escrita, baseando-se na compreensão que possui desses processos.

A mudança de um nível para outro só ocorrerá quando a criança se deparar com questões que o nível em que se encontra não puder explicar.

Não encontrando resposta no nível em que se encontra a criança irá elaborar novas suposições e novas questões e assim por diante.

O processo de assimilação de conceitos é gradativo, o que não exclui “idas e vindas” entre os níveis.

Confira agora as principais características de cada nível de escrita.

PRÉ-SILÁBICA	SILÁBICA	SILÁBICA ALFABÉTICA	ALFABÉTICA
-Escrever e desenhar têm o mesmo significado; - Não relaciona a escrita com a fala; - Caracteriza uma palavra como letra inicial; - Não diferencia letras de números; - Reproduz traços típicos da escrita de forma desordenada; - Supõe que a palavra representa o objeto e não o seu nome; - Acredita que coisas grandes têm um nome grande e coisas pequenas têm um nome pequeno (realismo nominal); - Usa letras do nome para escrever tudo; - Não aceita que seja possível escrever e ler com menos de três letras; - Leitura global: lê a palavra como um todo.	- Já supõe que a escrita representa a fala; - Para cada fonema, usa uma letra para representá-lo; - Pode ou não atribuir valor sonoro à letra; - Pode usar muitas letras para escrever, e ao fazer a leitura, aponta uma letra para cada fonema; - Ao escrever frases, pode usar uma letra para cada palavra.	-Inicia a superação da hipótese silábica; - Compreende que a escrita representa os sons da fala; - Percebe a necessidade de mais uma letra para a maioria das sílabas; - Pode dar ênfase a escrita dos sons só das vogais ou só das consoantes; - Atribui o valor do fonema em alguma letras (KBLO);	-Compreende o uso social da escrita: comunicação; - Conhece o valor sonoro de todas o quase todas as letras; - Apresenta estabilidade na escrita das palavras; - Compreende que cada letra corresponde aos menores valores sonoros da sílaba; - Procura adequar a escrita à fala; - Faz leitura com ou sem imagem; -Inicia preocupação com as questões ortográficas; - Separa as palavras qando escreve frases; - Produz texto de forma convencional.

FONTE: Disponível em https://www.soescola.com/2017/04/hipoteses-psicogenese-lingua-escrita-segundo-emilia-ferreiro.html

UNIDADE 3 - O LÚDICO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E SUAS ESPECIFICIDADES

OBJETIVOS

- Analisar os direitos de aprendizagens e desenvolvimento na educação infantil e ensino fundamental.
- Refletir sobre a utilização do lúdico como ferramenta pedagógica para a alfabetização e letramento.
- Diferenciar as estratégias de leitura como métodos e técnicas que contribuem para o processo de compreensão do texto escrito.

PARA REFLETIR

A palavra **lúdico** vem do latim *ludos* e é um termo masculino. Apesar de o sentido desse conceito estar ligado a jogos, a palavra ganhou um novo conceito, que vai além desse tipo de programa.

Hoje em dia, dá para definir o lúdico como uma forma de mostrar liberdade por meio de formas que geram prazer, tais como:

- Brinquedos;
- Tarefas direcionadas;
- Músicas;
- Danças;
- Representações artísticas.

Além do lazer, a importância das atividades lúdicas estão em ser úteis para gerar muitos saberes e também na criação de crianças e adultos.

3.1 - DIREITOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Declaração dos Direitos da Criança (1959) e a Convenção dos Direitos da Criança (1989), reconhecem que todas as crianças têm o direito ao descanso, lazer, brincar, às atividades recreativas, livres e à plena participação na vida cultural e artística. (LINS,2020).

A Educação Básica começa na Educação Infantil, onde a criança frequenta esse espaço, por direito desde bebê – na creche – e obrigatoriamente a partir dos quatro anos – na pré-escola –, a infância nos remete a brinquedos, brincadeiras, barulho, alegria, encantamento, imaginação, fantasia, liberdade, magia, entre outras meninices.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)27, em seu Artigo 4º, definem a criança como:

> sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis direitos de

aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.

De acordo com a BNCC (2017), os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil são:

> **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
> **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
> **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
> **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
> **Expressar**, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
> **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2017).

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BRASIL,2017).

Fonte: Google Imagens, 2022.

3.2 - O ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

O Ensino Fundamental, com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica, atendendo estudantes entre 6 e 14 anos. Há, portanto, crianças e adolescentes que, ao longo desse período, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros.

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos.

Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Como destacam as DCN, a maior desenvoltura e a maior autonomia nos movimentos e deslocamentos ampliam suas interações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela; a afirmação de sua

identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças. (BRASIL,2017).

Ampliam-se também as experiências para o desenvolvimento da oralidade e dos processos de percepção, compreensão e representação, elementos importantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética e de outros sistemas de representação, como os signos matemáticos, os registros artísticos, midiáticos e científicos e as formas de representação do tempo e do espaço. Os alunos se deparam com uma variedade de situações que envolvem conceitos e fazeres científicos, desenvolvendo observações, análises, argumentações e potencializando descobertas. (BRASIL,2017).

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (BRASIL,2017).

As características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar. (BRASIL,2017).

3.3 - A UTILIZAÇÃO DO LÚDICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.

Os jogos, que por muito tempo fizeram parte da didática de grandes educadores do passado, hoje, surgem como necessidade absoluta e indispensável

no processo educativo. Almeida (1978) afirma que os jogos não devem ser fins, mas meios para atingir objetivos. Estes devem ser aplicados para o benefício educativo.

Os termos Alfabetização e Letramento são conceitos que têm feito parte de inúmeros estudos e discursos sobre Educação na atualidade. Pois, se percebe a cada dia, a necessidade de inseri-los nas práticas pedagógicas dos docentes de um modo geral, com foco na Educação de qualidade para todos.

A vida da criança é uma sucessão de experiências de aprendizagem adquirida por ela mesma, quando tem a oportunidade de interação. Ao chegar à escola, ela traz consigo infinitas experiências e conhecimentos acumulados, conquistados por meio de exploração visual, auditiva, jogos, brincadeiras, conversas, passeios, contatos, brinquedos, que influenciarão no processo de aprendizagem.

De acordo com Dutra (2016), no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a criança defronta-se com um mundo cheio de atrações (letras, palavras, frases, textos) e se engajará neste mundo muito mais facilmente se puder participar integralmente dele e se o processo for transformado num grande ato lúdico (participativo, inteligente, prazeroso), em oposição ao ato técnico (**estático, repetitivo, mecânico**) muito próprio das escolas. Portanto, percebe-se a necessidade de se relacionar o processo de alfabetização com o lúdico, na forma de jogos e brincadeiras, que despertam o interesse e arrebatam a atenção das crianças, tornando este processo cheio de significado.

A alfabetização não se encontra mais sozinha. Hoje a proposta é alfabetizar letrando. Sobre isso, o caderno pedagógico do pró-letramento diz: “ao mesmo tempo em que a criança se familiariza com o Sistema de Escrita alfabética, para que ela venha a compreendê-lo e a usa-lo com desenvoltura, ela já participa na escola, de práticas de leitura e escrita, sou seja, ainda começando a ser alfabetizada, ela já pode e deve ler e escrever, mesmo que não domine as particularidades de funcionamento da escrita.” (DUTRA, 2016).

Em todos os lugares estamos rodeados por informações expressas por meio das letras, números, sinais, desenhos, mapas e portanto, é impossível não perceber a importância que o mundo dos símbolos tem no desenvolvimento das crianças. E para desempenhar desde as mais simples atividades cotidianas às mais complexas, é necessário ler, interpretar, compreender, escrever com autonomia. Portanto, não nos resta dúvida que na escola, temos uma importante agência de letramento,

primeiramente "[...] é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais […]" (SOARES, 2004, p.20).

Além disso, é relevante compreender que é importante ir muito além do domínio do código escrito. Nosso desafio se constitui em "alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita [...]." (SOARES, 2004, p.22).

A alfabetização e o lúdico são inseparáveis. O ambiente lúdico é o mais propício para a aprendizagem e produz verdadeira internalização da alfabetização e do letramento.

O brincar pedagogicamente deve estar incluído no dia-a-dia das crianças. Dessa forma será proporcionado o desenvolvimento das capacidades cognitivas, motora, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e de inserção social e a aprendizagem específica da alfabetização.

Ao brincar, a criança tem a possibilidade de conhecer seu próprio corpo, o espaço físico e social. Brincando, a criança tem oportunidade de aprender conceitos, regras, normas, valores e também conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentos nas mais diversas formas de conhecimento.

3.4 ESTRATÉGIAS DE ENSINO PARA PROMOVER A LEITURA.

A leitura pode ser um tema tenso para pais, professores e alunos. Uma boa competência leitora é essencial para acessar todo o currículo escolar, logo, os

docentes costumam colocar muita ênfase nesse trabalho desde cedo.

No entanto, a pressão e a ansiedade em fazer com que os alunos se tornem leitores aptos “dentro do prazo” podem extrair o prazer de uma atividade que muitas crianças adoram quando pequenas. Para elas, a leitura é uma maneira de acessar histórias que, por sua vez, as fazem se perguntar e imaginar o mundo. Na corrida para fazer com que elas leiam bem, pode ser fácil cair no equívoco de tratar a leitura como um procedimento, ao invés da experiência complexa que é.

Um dos momentos mágicos na vida de uma criança ocorre quando ela aprende a ler. Elas, então, passam a ter acesso ao que está escrito em todos os lugares e é comum que queiram ler qualquer coisa que apareça na frente. Porém, para desenvolver o hábito da leitura na educação infantil é necessário um pouco de esforço, pois a leitura é um processo de compreensão do texto. A partir desse pressuposto, é possível entender que para a efetivação do processo utilizamos estratégias.

Estratégias de leitura são métodos e técnicas das quais se valem os leitores a fim de terem facilitado o processo de compreensão do texto escrito.

A leitura deve extrapolar a simples decodificação de sílabas ou palavras isoladamente e, além disso, passa por etapas de **decodificação, compreensão, interpretação** e **retenção.**

A **decodificação** pressupõe uma leitura superficial, sendo fundamental efetua-la mais de uma vez num mesmo texto.

A **compreensão** refere-se ao sentido do texto lido e, durante esse processo, o leitor deseja saber do que trata o texto e qual a tipologia usada.

Na **interpretação**, o sujeito interpreta uma sequência de ideias ou acontecimentos explícitos ou implícitos. Uma boa interpretação auxilia a atribuição de sentidos.

Na **retenção**, o sujeito é capaz de fazer analogias e comparações,

reconhece o sentido de linguagens figuradas e as entrelinhas. O sujeito leitor reflete sobre a importância do que foi lido e estabelece um paralelo com seu cotidiano, aprendendo, desse modo, a fazer suas próprias análises críticas.

As etapas de leitura devem fazer parte do contexto escolar e poderiam ser adotadas como metodologia para a atividade de ler.

Observe algumas estratégias que podem despertar na criança o prazer pela leitura.

Incentivar o contato com os livros

O contato com os livros deve estar presente desde cedo na escola, pois só assim a criança consegue se familiarizar e gostar de manuseá-los. Existe uma infinidade de livros com material apropriado para os pequenos, como os de plástico, com texturas, maleáveis e coloridos.

Na escola, é importante que os livros fiquem em local de fácil acesso. Podem ser guardados em baús ou estantes baixas, adequadas à altura das crianças, para que elas busquem os livros quando quiserem — afinal, é importante que construam uma relação com eles. Vale, ainda, levá-las à bibliotecas e a feiras de livros.

Demonstre interesse pela leitura

O exemplo dos adultos favorece o interesse da criança. Se o professor e os pais têm o hábito de ler, é provável que ela desenvolva o gosto pela leitura. E mais: é fundamental ler para os pequenos. Dessa forma, a criança entra no universo da história, se envolve e se encanta com ela. Consequentemente, ela também será uma leitora quando crescer.

Para isso, além de ler, é importante conversar sobre a história: pergunte o que ela entendeu, quem gostaria de ser na história, se faria um final diferente e assim por diante. Essa troca afetiva favorece o envolvimento com a leitura, além de incentivar a imaginação.

Dê prioridade às imagens

Quando aprende a ler, a criança se cansa muito facilmente durante a atividade. Nessa fase, o ideal é que o professor ofereça livros com muitas imagens e pouca escrita para mantê-la estimulada — vá aumentando a densidade de texto conforme ela se desenvolver.

Faça leitura em conjunto

Vale a pena estimular a leitura de tudo o que faz parte do universo da criança, não apenas de livros, jornais e revistas: ler propagandas, placas, panfletos, outdoors, cartas e outros materiais vai ajudá-la a compreender melhor o mundo.

Outra boa alternativa nesse contexto é a leitura em conjunto. Assim, a criança se desenvolve aos poucos até ter habilidade para ler um livro inteiro sozinha. Além disso, há ainda um grande benefício: ao se concentrar na atividade, ela desenvolve o foco e a atenção.

Respeite os interesses da criança

É importante conhecer os interesses da criança. Assim, fica mais fácil sugerir livros (ou outros materiais impressos) para ela em atividades específicas. Além disso, ela passa a ver o professor como um confidente e fica mais aberta a compartilhar suas inquietações. Quando menos esperar, terá prazer na leitura.

Nesse sentido, as revistas em quadrinhos podem ser boas formas de inserir a criança na leitura na educação infantil. Na escola, é interessante ter diferentes opções para que ela descubra com qual delas mais se identifica. Lembre-se de dar preferência para aquelas que têm conteúdo apropriado para a idade.

Promova passeios e filmes

Há passeios que despertam a curiosidade da criança para diferentes temas. Sempre que fizer uma atividade desse tipo com os pequenos, tenha um material impresso de apoio caso eles demonstrem interesse em saber mais sobre o assunto ou o lugar.

O mesmo vale para filmes: depois de uma sessão de cinema em que a história foi adaptada de um livro ou conto, é natural que os pequenos queiram se aprofundar no assunto. Com isso, vão se sentir mais motivados para ler a obra inspiradora.

Proporcione conversas

Bate-papos sobre lugares, fatos históricos ou tradições, por exemplo, podem ajudar a despertar o interesse pela leitura na educação infantil. Isso porque detalhes relevantes e curiosidades são ótimas formas para despertar o interesse nas crianças.

Diferentes iniciativas que envolvem o bate-papo podem ajudar a promover a leitura. Ao fazer atividades de culinária na escola, por exemplo, a criança pode ajudar a ler a receita.

Estimule as trocas

Outra dica interessante é o incentivo à troca de livros entre colegas. Assim, os pequenos passam a ter contato com uma variedade maior de títulos. Nesse processo, pode-se, ainda, incentivá-los a inventar histórias e até a criar os próprios livros para depois trocar com os outros alunos.

Crie uma parceria com os pais

É natural que a atitude dos pais influencie o comportamento dos filhos. Além do estímulo recebido na escola, é essencial que eles mostrem que a leitura está presente naturalmente no dia a dia. Uma boa prática é ler uma história antes de a criança dormir.

Outra opção é que os pais leiam o mesmo livro que os filhos para, ao fim da leitura, conversarem sobre a história. Assim, valoriza-se o aprendizado adquirido e ainda descobre-se interesses em comum ao interagir com eles.

Use a tecnologia

Talvez não pareça, mas a tecnologia pode ser uma aliada no estímulo à leitura na educação infantil. As crianças de hoje têm muita familiaridade com dispositivos tecnológicos e inseri-los na leitura pode ser a melhor forma de atraí-las para a atividade.

O hábito de ler torna o desempenho da criança superior de forma geral na escola. Afinal, sem ela, não é possível interpretar os textos das mais diferentes disciplinas. Para que a leitura infantil se torne recorrente, é preciso que ela faça parte da rotina da criança na escola infantil e em casa.

Há muitas maneiras de incentivá-la na educação infantil. O ideal é que o professor escolha aquelas atividades que mais se adaptam ao perfil dos pequenos para que haja mais chance de que eles realmente se interessem por ela.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção de significado do texto. O significado construído está diretamente relacionado com nossos conhecimentos prévios, no momento da leitura. Assim, nossos conhecimentos prévios sobre o tema a ser tratado no texto facilitam nossa leitura e contribuem para a sua compreensão.

3.5 FATORES NECESSÁRIOS PARA FACILITAR AS AÇÕES DA ALFABETIZAÇÃO.

Ramos (2010) destaca o que são necessários para facilitar as ações do educador no processo de alfabetização, explicando sobre a importancia de planejar situações de aprendizagem que tenham intervenções apropriadas ao conhecimento dos educandos.

Ambiente alfabetizador: fazer da sala de aula um espaço onde ricos estímulos de aprendizagem estejam sempre presentes. É um ambiente que promove um conjunto de situações de uso real de leitura e de escrita, em que os educandos têm a oportunidade de participar. Um ambiente alfabetizador não é apenas aquele em que aparecem diferentes tipos de texto, é mais que isso: é aquele que tem diferentes tipos de texto que são consultados frequentemente, com diferentes funções sociais. Eles devem ser substituídos de acordo com sua funcionalidade, além de estarem ao alcance do grupo.

Atividades significativas: para favorecer uma alfabetização de qualidade, é necessário propor atividades de leitura e escrita que fazem sentido para as crianças. É necessário que as atividades de leitura e escrita aconteçam de forma prazerosa, contextualizada, e de acordo com a realidade social dos educandos.

Capacitação docente: o educador necessita conhecer o nível conceitual e as capacidades cognitivas de seus educandos para acreditar que níveis de conhecimentos variados constituem uma riqueza para o trabalho em sala de aula. O embasamento teórico através de estudos, leituras e cursos leva o alfabetizador a acreditar em seu trabalho, e que cada criança aprende no seu tempo, de acordo com suas diferenças e suas capacidades cognitiva.

Autoestima: o trabalho de autoestima dos educandos é outro fator relevante em qualquer processo de aprendizagem, para reavivar a confiança em suas capacidades de dar conta dos desafios e dificuldades que terão de vencer.

Intervenções: mais uma vez, o papel do alfabetizador é preponderante, e necessário, nas intervenções que faz para levar o educando a avançar no seu processo de construção de conhecimento. As intervenções ds devem ser problematizadoras, ou seja, devem colocar bons problemas para serem resolvidos pelos educandos.

Conhecer a gênese da leitura e da escrita: um educador competente conhece profundamente a gênese da língua escrita, formulada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, para saber mediar as intervenções e atividades necessárias a obter sucesso no processo de alfabetização.

Utilizando-se dessas estratégias em seu trabalho, sem dúvida, o resultado será bastante compensador.

Realizar diagnósticos: diagnosticar o que os educandos já sabem, antes de

iniciar o processo de alfabetização, é condição para o sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita. Identificar os conhecimentos prévios e saber explorá-los é fundamental para qualquer aprendizagem.

3.6 A LUDICIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O espaço lúdico permite ao aluno criar e recriar uma relação aberta e positiva com a cultura. Esse espaço permite que o brincar seja visto como um mecanismo psicológico que garante ao aluno manter certa relação com o mundo real, uma forma de desenvolver a criatividade, os conhecimentos através de jogos, música e dança (WINNICOTT, 1975).

Nesse sentido, a ideia é educar e ensinar, garantindo a diversão e a interação com outras pessoas, uma vez que as atividades lúdicas proporcionam a diversão e o prazer, potencializando a criatividade e contribuindo para o desenvolvimento intelectual da criança (WINNICOTT, 1975).

Segundo Borba (2007), o lúdico amplia o processo de ensino e de aprendizagem, o que contribui para o enriquecimento do vocabulário, da capacidade de ações corporais, da concentração e também do raciocínio lógico. Nas mais diversas formas, o lúdico, quando reconhecido como uma ferramenta de ensino, além de impulsionar a fantasia, aumenta a coordenação motora e a capacidade do aluno de interpretar, imaginar e relacionar-se com os colegas, permitindo a construção da sua identidade

> Existem inúmeras possibilidades de incorporar a ludicidade na aprendizagem, mas para que uma atividade pedagógica seja lúdica é importante que permita a fruição, a decisão, a escolha, as descobertas, as 10 perguntas e as soluções por parte das crianças e dos adolescentes, do contrário, será compreendida apenas como exercício (BORBA, 2007, p. 43).

Nesse sentido, é preciso que o professor reflita sobre o modo como promove a ludicidade em suas aulas, de maneira que não torne o momento, que deveria ser de descontração e divertimento, em mais uma atividade de exercício e repetição. Sendo assim, é preciso compreender que os alunos possuem ritmos de aprendizagens diferentes uns dos outros. Entra, então, a prática lúdica para mediar o trabalho do professor, organizando o estudo pedagógico, considerando o que os alunos já sabem em relação aos conteúdos que o professor considera importantes,

para a aprendizagem do educando na alfabetização. Diante disso, podemos entender como o aluno vai construindo outras formas de entender a realidade, através de temáticas ligadas a muitas áreas do conhecimento.

O brincar é uma experiência não apenas de uma ou outra cultura, mas, por si só, uma experiência cultural. Sabemos que toda criança sente a necessidade de brincar, muitas vezes até nós, adultos, também sentimos essa necessidade, embora não esteja presente em todos os momentos do nosso dia a dia. A necessidade de brincar, portanto, atravessa a nossa vida, não somente no período em que somos crianças ou em que estamos no ensino fundamental (BORBA, 2007).

Inúmeros são os benefícios que o lúdico propicia à infância. Ao brincar, a criança imagina, fantasia, representa, produz, cria regras, age coletivamente, inventa estratégias, torna-se dono de suas atitudes, etc. Tais habilidades levam a refletir sobre a tamanha importância de atrelar a ludicidade aos conteúdos escolares.

Propiciar aulas recreativas vai além de um simples jogo ou mera brincadeira, implica possibilitar ao aluno experiências que o ensinem de maneira significativa e prazerosa. Afinal, brincar é uma experiência de cultura importante não apenas nos primeiros anos da infância, mas durante todo o percurso de vida de qualquer ser humano, portanto, também deve ser garantida em todos os anos do ensino fundamental e etapas subsequentes da nossa formação! (BORBA, 2007, p. 42).

Para a criança, o brincar pode surgir a qualquer momento, em diferentes lugares e companhias, inclusive com crianças cujo contato inicial se dá exatamente pelo brincar. Na escola, a sociabilidade nem sempre é desejada, mas acaba sendo imposta, ou seja, o convívio no coletivo é algo que faz parte do cotidiano escolar. Dentro desse contexto, o brincar também define as redes de sociabilidade, no sentido de que as crianças fazem escolhas efetivas e de afinidade conforme o ritmo do brincar.

O jogo e a brincadeira permitem que a criança descubra o mundo à sua volta, e é através deles que os alunos aprendem a relacionar-se com os colegas, a criar estratégias e regras, a cooperar, raciocinar, pensar, aceitar limites, concentrar-se, sentir prazer, enquanto aprende brincando (BORBA, 2007).

No entanto, não basta inserir o jogo acreditando que este garantirá um

momento lúdico, pois, conforme pontua Borba (2007, p. 43):

> É preciso compreender que o jogo como recurso didático não contém os requisitos básicos que configuram uma atividade como brincadeira: ser livre, 18 espontâneo, não ter hora marcada e nem resultados prévios e determinados. Isso não significa que não possamos utilizar a ludicidade na aprendizagem, mediante jogos e situações lúdicas que propiciem a reflexão sobre conceitos matemáticos, linguísticos ou científicos.

A relação com a literatura no processo lúdico de aprendizagem também é de extrema importância, pois é através de livros que a criança consegue criar e recriar histórias e personagens, explorando e vivenciando diversos espaços. Então, Borba destaca:

> Os processos de desenvolvimento e de aprendizagem envolvidos no brincar são também constitutivos do processo de apropriação de conhecimentos. A possibilidade de imaginar, de ultrapassar o já dado, de estabelecer novas relações, de inverter a ordem, de articular passado, presente e futuro potencializa nossas possibilidades de aprender sobre o mundo em que vivemos! (BORBA, 2007, p. 39).

Outra maneira de também incentivar o lúdico é inserir a família nessa ação, ou seja, a figura adulta pode explicar como era a forma de brincar na sua época. Nesse sentido, além de ouvir atentamente a explicação, esse tipo de interação faz com que a criança adquira novos conhecimentos.

3.6.1 O brincar na escola

O brincar é, sem dúvida, um meio pelo qual os seres humanos e os animais exploram uma variedade de experiências em diferentes situações. Os direitos das crianças de brincar muitas vezes não são reconhecidos. Os pais e outras pessoas preocupadas com as crianças devem refletir se esse direito é oportunizado a elas.

Diante desses direitos, toda criança tem na sua essência o seu jeito de brincar, o que faz parte de sua vivência. Percebe-se isso quando ela está desenvolvendo sua própria imaginação através de gestos, sons, sentindo-se autônoma, dona de si mesma. A necessidade de todas as crianças terem oportunidade de brincar foi oficialmente reconhecida, mesmo que seu valor como instrumento educacional não tenha sido necessariamente aceito por todas as culturas. Sabe-se que, a partir do brincar, a criança desenvolve diversas habilidades e, principalmente, socializa-se, isso porque envolve outras pessoas e se configura

nas suas primeiras interações. Além disso, o brincar é espontâneo para as crianças, mas o adulto também pode interagir com elas produzindo uma forma de socialização entre diferentes faixas etárias (MOYLES, 2002).

O jogo pode contribuir muito no desenvolvimento do aluno, desde que utilizado como instrumento pedagógico. A utilização do jogo é fundamental para o trabalho, por isso requer uma organização que dê significado às atividades propostas para os alunos (KISHIMOTO, 2000).

Os jogos possibilitam uma experiência significativa para a criança, tanto em termos de conteúdos escolares, como no desenvolvimento de competências e habilidades, pois é através deles que podemos vivenciar uma aprendizagem diferenciada, levando o aluno e o professor a perceberem que a experiência está ligada ao saber escolar.

O jogo faz parte do desenvolvimento da criança, uma vez que se relaciona com as etapas da evolução mental. A criança realiza seus desejos através do imaginário, com base em fatos externos, fugindo da realidade. O jogo pode, inclusive, ser comparado ao sonho no que diz respeito à atividade psíquica em que o sujeito realiza seus desejos. A diferença que o jogo apresenta é o trânsito livre entre dois mundos: o interno e o real (FORTUNA, 2012).

Portanto, o trabalhar o lúdico nas duas formas, a atividade livre , como também uma atividade dirigida pelo professor, não basta apenas uma atividade lúdica livre para o aluno explorar o conteúdo, pode-se também trabalhar uma atividade dirigida e que tenha o mesmo desenvolvimento, em como a motivação e o prazer para ambas as partes.

3.6.2 O papel do professor no processo de alfabetização e letramento

Entendemos a mediação pedagógica como condição maior do trabalho docente, inclusive dos profissionais que atuam na educação infantil. Requer que o professor dote sua prática pedagógica de intencionalidade, no sentido de ter como

referência o produto de sua ação perante as crianças para que os objetivos traçados sejam alcançados.

Desta forma cabe ao professor ampliar e qualificar o que foi iniciado pelas crianças, fazendo intervenções sempre que necessário para garantir que elas se apropriem das capacidades humanas proporcionadas naquele momento da história.

No planejamento das atividades, é importante que o educador defina alguns objetivos para que atinja suas metas no processo de ensino- aprendizagem, para isso se faz necessário seguir algumas orientações, como exemplo:

- **Favorecer a aquisição de habilidades que permitam à criança analisar de forma crítica o mundo que a cerca, para que seja capaz de enfrentar novos problemas e conviver com os outros de forma cooperativa;**

- **Atender necessidades psicossociais, possibilitando a ampliação de suas experiências, com base nas próprias vivências e situações concretas do cotidiano.**

- **Desenvolver e explorar, de forma interdisciplinar, todas as áreas do conhecimento;**

- **Ampliar o vocabulário e desenvolver a linguagem, sob o enfoque descritivo e narrativo;**

- **Incentivar a curiosidade, o entusiasmo, a imaginação, a representação gráfica.**

Portanto, a escola é um espaço propicio para estimular o letramento e a alfabetização dos alunos, porém o trabalho deve ser direcionado em um ambiente facilitador, estimulante e atraente, assim desenvolverá o prazer de frequentar a escola e, consequentemente estará criando futuros leitores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Dinâmica lúdica jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola. 1978.

BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 47-56.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 33-45.

Blog. Feito por Activesoftt. **10 dicas para incentivar a leitura na educação infantil.** Blog da educação infantil.26 de junho de 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/fmwFM>. Acesso em 23 de julho de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil** / Secretaria de educação basica. – Brasilia: MEC, SEB, 2010.

DUTRA, Lenice Ramos. **A utilização do lúdico como ferramenta pedagógica para a alfabetização e letramento.** Brasil escola, 2016. Disponível em: <encurtador.com.br/eiou9>. Acesso em 18 julho de 2022.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A importância de brincar na infância.** In: HORN, Cláudia Inês et al. Pedagogia do brincar. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 13-44

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **O brinquedo na educação:** considerações históricas. Ideias, n. 7, p. 39-45,1994.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 2000.

KLEIMAN, A. B. (2007). **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna.** Signo, 32(53), 1-25. https://doi.org/10.17058/signo.v32i53.242

LINS, Denise Cristina. **O brincar e as diferentes classes sociais**. Ipa Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.ipabrasil.org/post/o-brincar-e-as-diferentes-classes-sociais >. Acesso em 21 de julho de 2022.

LIRA, Bruno Carneiro. **Alfabetizar letrando:** uma experiência na Pastoral da Criança. São Paulo: Paulinas, 2006.

LOLLI, Maria Carolina. **Emília Ferreiro e a Psicogênese da língua escrita**. Disponível em: <https://www.focoensina.com.br/emilia-ferreiro-e-a-psicogenese-da-lingua-escrita>.Acesso em 17 julho de 2022.

LOPES, Janine Ramos. **Caderno do educador:** alfabetização e letramento 1 / Janine Ramos Lopes, Maria Celeste Matos de Abreu, Maria Célia Elias Mattos. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010. 68 p. : il. -- (Programa Escola Ativa)

MARQUES, Everson Augusto. **Os níveis de escrita no processo de alfabetização**.Web artigos, 2021. Disponível em: < https://www.webartigos.com/artigos/os-niveis-de-escrita-no-processo-de-alfabetizacao/168653> Acesso em 19 julho de 2022.

MEIRELES, Gabriela. **Quais é a diferença entre método sintético e método analítico?** 2016. Disponivel em: http://professoragabrielameireles.blogspot.com/2016/03/quais-e-diferenca-entre-metodo.html. Acesso em julho de 2022.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Tradução de Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento.** Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

NEUROSABER, Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental. Instituto Neurosaber, 2020. Disponível em:< encurtador.com.br/eloJV>. Acesso em 20 de julho de 2022.

PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização:** espaço, tempo e corporeidade. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

SOARES, Magda, **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas*, 2003.Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento:** caminhos e descaminhos. Pátio: revista pedagógica, Porto Alegra: RS, n. 29, p. 18-22, fev./abr. 2004.

WINNICOTT, Donald W. **A criança e seu mundo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.